

**O MUNDO**   
**É**  **QUE**  
**V**  **CÊ**  
**C**  **ME**

**Barbara Kingsolver**

**Uma família prova que você pode comer cuidando  
da sua saúde e da saúde do planeta**



**O MUNDO É O QUE  
VOCÊ COME**

*BÁRBARA KINGSOLVER*

Essa era a viagem de nossas vidas. Estávamos encerrando nossas existências nos arredores da cidade de Tucson, Arizona, para começar uma vida rural no sul de Appalachia.

Tínhamos muitas razões convencionais para a mudança, entre elas o aumento da família, mas há uma outra razão que fez da mudança a coisa certa a se fazer, e esse é o cerne deste livro. Queríamos viver em um lugar onde pudéssemos alimentar a nós mesmos: onde a chuva cai, as plantas crescem e a água potável borbulha do solo. Isso pode parecer uma razão abstrata demais para deixar nossos queridos amigos e uma das cidades mais idílicas dos Estados Unidos. Mas era concreto para nós. À medida que sua população se aproxima do marco de um milhão de almas, os charmes de Tucson a transformam em uma das cidades que crescem mais rápido neste país. Ela oferece à sua população um espectro muito amplo de prazeres cotidianos, incluindo bancos, lojas, sinfonias, faculdades, galerias de arte, parques e mais campos de golfe do que se pode contar. Todos concordam que ela é uma fonte abundante de todos os itens na lista de necessidades humanas, salvo por uma única coisa — aquilo que colocamos em nossas bocas, várias vezes ao dia, para nos mantermos vivos. Como qualquer outra cidade moderna dos Estados Unidos, Tucson poderia muito bem ser uma estação espacial, onde a subsistência humana é uma das preocupações mais relevantes. Quase toda unidade de comida consumida lá chega à cidade em recipientes refrigerados, vindos de algum lugar muito distante. Cada litro de água para beber, lavar e encher o aquário é bombeado de uma fonte não renovável — um aquífero fóssil que está desaparecendo tão rapidamente que, por muitas vezes, faz o chão se esfarelar. Depois de uma modificação mais recente, parte da água da cidade agora chega por um canal aberto, com quase quinhentos quilômetros de comprimento, através do deserto, vindo do rio Colorado, que — devido à nossa sede — é um rio que não chega mais ao oceano, mas se esvai em um banco de areia perto da fronteira com o México.

Se passa por sua cabeça que água correndo por centenas de quilômetros de dutos abertos em um deserto vai evaporar e terminar cheia de sujeira e sais concentrados, permita-me lhe dizer que esse tipo de pensamento negativista nunca irá lhe ajudar a se eleger para um cargo público no estado do Arizona. Quando essa torneira gigante foi aberta, empresas imobiliárias formularam planos para criar condomínios de estuque rosa pelo deserto, em todas as direções. Nós deveríamos nos regozijar com o novo fluxo empurrado para dentro de nossos canos, mesmo quando a cidade nos avisava que essa água era muito especial. As autoridades nos disseram que ela era potável, mas que não poderíamos colocá-la em aquários porque *mataria os peixes*.

Nós a bebemos, enchemos as máquinas de café e também preparamos sucos concentrados para nossos filhos com um fluido que faria um girino ficar enjoado. Ah, Bela América, onde estão nossos padrões? Como os europeus, culturas ancestrais para a maioria de nós, cujos típicos países populosos caberiam dentro de um de nossos parques, mantiveram de alguma forma uma fatia de mercado da beleza? Eles se dispõem a derrubar um McDonald's com uma máquina de terraplanagem porque a loja ameaça a soberania de seus queijos finos. Eles nos enfrentam nas rodadas de negociação de comércio internacional quando

tentamos enfiar genes modificados em seus pães. Eles obtêm seu presunto favorito diretamente de Parma, Itália, juntamente com seu queijo favorito, sabendo que esses alimentos estão vinculados por uma conexão antiga que os fazendeiros estabeleceram entre o leite e o porco. Ah. Nós achamos que *parmeseño* significa não “vindo de Parma”, mas “vindo de uma latinha verde com furinhos”. Será que eles nos expulsaram por causa de nosso mau gosto?

Não, foi, em grande parte, por vadiagem, pobreza ou por sermos religiosos demais. Viemos para cá pela liberdade de fazer uma cultura estilo *Leaves of Grass* (obra do escritor Walt Whitman, *Folhas de relva* em português) e ouvir a América cantar com uma boa cadência, perfurar nossos umbigos conforme necessário e comer o que quisermos sem nenhum chato nos repreendendo: “Você não sabe de onde isso veio.” E, de fato, não sabemos.

Um item típico de comida na prateleira de um mercado norte-americano percorreu uma distância maior do que a maioria das famílias em suas férias anuais costuma percorrer. Fato comprovado. Combustíveis fósseis são consumidos no transporte, na refrigeração e no processamento da comida, com consequências ambientais evidentes. A opção de obter nossa comida caseira de um lugar mais próximo de casa, em Tucson, não parecia ser viável para nós. Historicamente, o deserto de Sonora ofereceu aos humanos sujeira cozida como material de construção e, para comer, uma dieta de milho e grãos organizada com base nas monções de fim de verão, enfeitada na primavera com frutas de cactos e tubérculos selvagens. Os Hohokam e os Pima foram os últimos povos a viver naquela terra sem criar uma enorme dívida com o meio ambiente. Quando os espanhóis chegaram, eles não correram para adotar a dieta popular dos Hohokam. Em vez disso, começaram uma dívida monumental: plantar laranjeiras e alfafa, cavar poços de irrigação, retirar milhões de litros do lençol aquífero a cada ano, uma quantidade que dezenas de milímetros de água de precipitação anual nunca poderiam compensar. O Arizona ainda é um estado agrícola. Mesmo após a explosão demográfica de meados da década de 1990, 85% da água do estado ainda eram utilizados em culturas sedentas, como algodão, alfafa, árvores cítricas e árvores de pecã. Os invernos, quando são amenos, podem parecer um verão prolongado, se pudermos fazer surgir água e sustentar a ilusão de haver uma camada arável do solo quimicamente induzida.

### **Comida oleosa**

Os americanos colocam quase tanto combustível fóssil dentro das geladeiras quanto dos carros. Nossa agricultura consome cerca de 1.500 litros de petróleo por ano por cidadão — aproximadamente 17% do consumo de energia da nação —, quase tanto quanto o consumo veicular, item mais importante na utilização de petróleo. Tratores, ceifadeiras, colheitadeiras, irrigadores, borrifadores, embaladoras e outros equipamentos são todos movidos a petróleo. Ainda assim, os mais responsáveis pelo consumo de petróleo nas fazendas não são as máquinas, mas os chamados insumos. Fertilizantes, pesticidas e herbicidas artificiais

têm no petróleo e no gás natural seus materiais básicos, além de os utilizarem em sua manufatura. Mais de 25% de toda a energia agrícola vai para os fertilizantes sintéticos.

Porém, cultivar as sementes até o momento da colheita consome apenas 20% do total de petróleo usado em nossa comida. A maior parte é consumida durante o percurso entre a fazenda e o prato. Cada item alimentar de uma típica refeição americana viaja, em média, 2.500 quilômetros. Além do transporte direto, existem outras etapas com alto consumo de petróleo, como processamento (secagem, beneficiamento, corte, seleção e cozimento), embalagem, armazenagem e refrigeração. As calorias energéticas consumidas na produção, embalagem e transporte superam, em muito, as calorias energéticas que recebemos da comida.

Uma maneira rápida de melhorar a economia de combustível ligado ao transporte de alimentos seria comprar uma lata de óleo de motor e bebê-la. Existem opções mais palatáveis. Se cada cidadão norte-americano comesse apenas uma refeição por semana (qualquer refeição), composta por carnes e produtos criados local e organicamente, reduziríamos o consumo de petróleo do país em mais de 1,1 milhão de barris de petróleo *por semana*. E não estamos falando em litros, mas em barris. Pequenas mudanças nos hábitos de consumo podem fazer uma grande diferença. Simplesmente começar com um bom café-da-manhã pode tornar uma nação menos dependente de energia.

Steven L. Hopp

Viver no Arizona com água emprestada me deixava nervosa. Pertencíamos a uma pequena e dispersa comunidade de fazendeiros de Tucson, descendentes de beneficiados do *Homestead Act*, que criavam galinhas em nossos quintais e cultivavam legumes para consumo próprio em pequenas porções de terra. Eles também freqüentavam feiras de fazendeiros (também chamadas de mercado do produtor) para comprar dos agricultores do Arizona, na tentativa de reduzir o coeficiente de quilômetros por litro de nossas dietas, em um mundo viciado em petróleo. No entanto, nossos jardins “bebiam” um pouco demais. Assim como as fazendas do Arizona. É uma escolha diabólica: roubar água do México ou ingerir petróleo da Arábia Saudita?

Tradicionalmente, emprego e família ditam as escolhas do lugar onde viver. É também legítimo considerar o clima, as escolas e outros índices de qualidade de vida. Acrescentamos um desejo à nossa lista: mais de um em três dos elementos básicos necessários à vida humana — *oxigênio* o Arizona tem. Se tivéssemos laços de família, talvez nos sentíssemos mais justificados a reivindicar um lugar na magra mesa de jantar de Tucson. Porém, mudei para lá quando era uma jovem adulta, depois adquiri, por nascimento e casamento, três bocas a mais para alimentar. Como convidada, provavelmente exagerei no tempo de estadia. Portanto, enquanto a população americana se engaja em uma corrida sem precedentes rumo ao Cinturão do Sol — aqueles estados ensolarados do sul e sudoeste dos EUA —, um carro com todos nós

dentro nada contra a maré, rumando para a Terra Prometida, onde a água cai do céu e o verde cresce por todos os lados. Estamos prestes a começar a aventura de realinhar nossas vidas com a cadeia alimentar.

Naturalmente, nossa primeira parada foi para comer besteira e abastecer o carro com combustível fóssil.

No complexo de concreto, cheio de lojas de conveniência, vasculhamos os corredores procurando biscoitos salgados e Cranberries da *Craisins*. A adolescente “natureba” da família pegou uma grande pilha de barras energéticas, o suficiente para servir de plano de previdência para um *hamster*. A mãe de família, desde sempre frugal, torrou dois dólares em uma elegante garrafa verde de chá gelado que valia cerca de cinco centavos. Já que estávamos todos enlouquecendo naquele momento, acrescentamos algumas garrafas de 99 centavos do produto encontrado de graça em bebedouros de lugares como Perrier, na França. Na região onde estávamos, 99 centavos por água boa pareceram uma pechincha. O peixinho de aquário deveria ter a mesma sorte.

Repentinamente, enquanto arrumávamos nossas compras no balcão, o céu escureceu. Após duzentos dias seguidos sem nuvens, é fácil esquecer a aparência de uma nuvem que tapa o sol. Todos piscamos. A moça do caixa franziu a testa em direção à janela de vidro e metal.

— Droga — disse ela. — Vai chover.

— Espero que sim — disse Steven.

Ela transferiu seu olhar zangado da janela para Steven. A frentista de cabelos oxigenados não parecia muito feliz.

— É melhor não, é só o que digo.

— Mas precisamos de chuva — enfatizei. Não sou de discutir com caixas, mas o deserto estava morrendo, e esse era o meu último minuto como tucana. Detestaria estragá-lo com uma maldição para uma chuva tão necessária.

— Sei que é isso que eles estão dizendo, mas não me importo. Amanhã é meu primeiro dia de folga em duas semanas e quero lavar meu carro.

Naquele dia, dirigimos quinhentos quilômetros pelo deserto de Sonora, desesperadamente ressecado, mastigando as salgadas castanhas de caju com uma culpa um tanto peculiar. Compartilhávamos o desejo, de uma forma ou de outra, de que não chovesse em nosso dia de folga. As nuvens de trovão se dissolveram à nossa frente, como se respeitar o desejo de nossa compatriota de lavar o carro fosse a bênção final pronunciada sobre uma terra à beira da morte. Em nosso deserto, não veríamos chuva novamente.

Levamos cinco dias para chegar lá. Em nosso primeiro dia, passamos dez horas cortando grama e mato e trabalhando na casa da fazenda. Cansados demais para cozinhar, fomos à cidade para jantar, optando por uma lanchonete do tipo sulista, que coloca canjica em seu prato até o meio-dia e biscoitos depois desse horário, peça você por eles ou não. Nossa garçonete era jovem e falante, aluna de uma

faculdade de enfermagem próxima ou algo assim, mas que, se não passasse em química, viraria uma apresentadora de televisão. Ela disse que esperava ansiosamente pelo fim de semana, mas sorriu largamente, mesmo assim, para as nuvens agrupadas sobre as montanhas lá fora. As encostas de montanha cheias de árvores e os pastos aveludados do sudoeste da Virgínia pareciam extraordinariamente verdes para nossos olhos flagelados pelo deserto, mas as florestas e os campos também estavam sofrendo aqui. A seca assolara grande parte do sul dos Estados Unidos naquela primavera.

Um relâmpago alto ribombou, e a chuva caiu logo que a garçonete retornou para levar nossos pratos.

— Escutem isso — Ela riu. — Precisamos muito dela!

Precisamos mesmo, concordamos. Os campos de feno não eram a metade do que deveriam ser.

— Tomara que dure bastante — disse ela, pausando, com nossos pratos equilibrados em seus braços, e continuando a olhar para fora da janela durante um longo intervalo. — E que essa não seja tão forte que carregue tudo com ela.

Não é minha intenção aqui enaltecer a sabedoria do interior em detrimento da ambição urbana. Apenas sugiro que os filhos dos fazendeiros provavelmente sabem de onde vem a comida e que o resto de nós faria bem se prestasse atenção a isso também. Para nossa família, algo tinha virado de cabeça para baixo no jantar daquela noite. A maldição da moça do caixa do posto de gasolina em prol da seca fora neutralizada pela simples ânsia agrícola por chuva de uma garçonete. Pensei comigo mesma: ainda há esperança para nós.